



***CORPO-MANIFESTO E ARTE PERFORMATIVA DE GÊNERO NA
EDUCAÇÃO***

***CUERPO-MANIFIESTO Y ARTE PERFORMATIVO DE GÉNERO EN
LA EDUCACIÓN***

***BODY-MANIFESTO AND GENDER PERFORMATIVE ART IN
EDUCATION***

José Valdinei Albuquerque Miranda¹

Caroline do Socorro Freitas Maciel²

Gilcilene Dias da Costa³

RESUMO

O artigo percorre as noções de corpo-manifesto e arte performativa de gênero, tendo por objetivo problematizar os padrões heteronormativos que permeiam as relações de gênero e sexualidade, tecendo confluências entre a performance-manifesto de Pedro Lemebel e a arte performativa de jovens LGBTQIA+ em espaços acadêmicos. A construção teórico-metodológica se baseia nos estudos da performance, nos estudos de gênero-sexualidade e no pensamento da diferença e educação, tendo por procedimento de análise a leitura rizomática da performance-manifesto de Pedro Lemebel e a performance “Metamorfoses do Corpo” produzida por jovens LGBTQIA+ em espaço universitário. Apresenta o corpo-manifesto como a produção e a expressão de uma arte minoritária de corpos dissidentes que resistem, criam e afirmam as suas lutas e existências na sociedade. As discussões e resultados sinalizam a produção de artes e micropolíticas dos corpos dissidentes e a criação de espaços de heterotopias inventivas na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo-manifesto. Arte performativa de gênero. Jovens LGBTQIA+. Educação.

RESUMEN

¹ Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil.

² Mestra em Educação e Cultura. Professora da Rede Pública de Ensino Básico, Pará, Brasil.

³ Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil.

El artículo cubre las nociones de manifiesto corporal y arte performativo de género, con el objetivo de problematizar los estándares heteronormativos que permean las relaciones de género y sexualidad, tejiendo confluencias entre el manifiesto performance de Pedro Lemebel y el arte performativo de jóvenes LGBTQIA+ en espacios académicos. La construcción teórico-metodológica se fundamenta en los estudios de performance, los estudios de género-sexualidad y el pensamiento de la diferencia y la educación, siendo el procedimiento de análisis la lectura rizomática del performance-manifiesto de Pedro Lemebel y la performance “Metamorfoses do Corpo” producida por jóvenes LGBTQIA+ en un espacio universitario. Presenta el cuerpo manifiesto como producción y expresión de un arte minoritario de cuerpos disidentes que resisten, crean y afirman sus luchas y existencia en sociedad. Las discusiones y resultados señalan la producción de artes y micropolíticas de cuerpos disidentes y la creación de espacios para heterotopías inventivas en educación.

PALABRAS-CLAVE: Cuerpo-manifiesto. Arte performance de género. Jóvenes LGBTQIA+. Educación.

ABSTRACT

The article covers the notions of body-manifesto and gender performative art, aiming to problematize the heteronormative standards that permeate gender and sexuality relations, weaving confluences between Pedro Lemebel's performance-manifesto and the performative art of LGBTQIA+ young people in spaces academics. The theoretical-methodological construction is based on performance studies, gender-sexuality studies and the thought of difference and education, with the analysis procedure being the rhizomatic reading of Pedro Lemebel's performance-manifesto and the performance “Metamorfoses do Corpo” produced by LGBTQIA+ young people in a university space. It presents the manifest body as the production and expression of a minority art of dissident bodies that resist, create and affirm their struggles and existence in society. The discussions and results signal the production of arts and micropolitics of dissident bodies and the creation of spaces for inventive heterotopias in education.

KEYWORDS: Body-manifesto. Gender Performative Art. LGBTQIA+ young people. Education.

* * *

Introdução

Neste artigo, buscamos relacionar as noções de *corpo-manifesto* e *arte performativa de gênero* na produção de uma micropolítica da diferença, colocando em interseção a arte performativa de Pedro Lemebel com as performances de gênero da juventude LGBTQIA+ em espaços acadêmicos, como manifestação estética e política de seus corpos e suas falas de resistências coletivas, a provocar povoamentos outros na educação.

Apresenta a noção de *corpo-manifesto* como a produção e a expressão de uma arte minoritária de corpos dissidentes que resistem, criam e afirmam as suas lutas e existências por meio de atos de rebeldia e criação estética. A *arte performativa de gênero* é pensada como a produção e a expressão de uma arte minoritária de corpos dissidentes que

ensionam os códigos binários de gênero-sexualidade regulatórios dos espaços sociais e educacionais, criando passagens para as enunciações coletivas que expressam a [re]existência de vidas dissidentes marcadas pela diferença.

A partir dessa perspectiva, formulamos as seguintes questões: Que agenciamentos coletivos de enunciação e micropolíticas de enfretamento às questões de gênero-sexualidade a arte performativa do corpo-manifesto faz proliferar nos espaços educacionais? Que artes performativas podem emergir do encontro de Pedro Lemebel com as performances de gênero da juventude LGBTQIA+, enquanto manifestação estética e política de corpos dissidentes na educação?

Nesse percurso, faremos conexões entre a arte performativa do corpo-manifesto em Pedro Lemebel e as potências inventivas da juventude LGBTQIA+ ao encontro de uma arte transgressora e suas micropolíticas de intervenção na educação. O conceito de corpo-manifesto em Lemebel funcionará como elemento disparador do processo de produção da performance “Metamorfoses do Corpo”, com visibilidade aos corpos da juventude LGBTQIA+ e suas demandas políticas de atuação, reinvenção e afirmação das diferenças em espaços socioeducacionais.

Em seu aspecto teórico-metodológico o texto transversaliza com a arte performativa de gênero do escritor, ativista e performer chileno Pedro Lemebel – especialmente a performance “Chile return aids” (1994) e a performance-manifesto “Hablo por mi diferencia” (1986) –, conjugada com a performance “Metamorfoses do Corpo”, produzida por um grupo de jovens LGBTQIA+ em destaque no texto. Experimentamos uma proposta de pesquisa-intervenção em arte-gênero-educação vivenciada por meio da Performance e seus efeitos produzidos no corpo-manifesto. A pesquisa-intervenção se realizou pelo acompanhamento das atividades artísticas de dança vivenciadas por jovens do grupo LGBTQIA+ participantes da pesquisa, e pelo encontro com a arte performativa de Lemebel, destacando as possibilidades e potencialidades dessas artes para pensar, criar e experimentar uma arte performativa de gênero na educação.

Nesse cenário, os efeitos contagiantes produzidos pela arte transgressora do corpo-manifesto de Lemebel atuaram como disparadores de criação estética e política nas artes da juventude LGBTQIA+, fazendo proliferar as multiplicidades dos corpos da

diferença e abrindo passagem a um “povo minoritário” (Deleuze e Guattari, 2017) comumente invisibilizado nos espaços sociais.

Na companhia de intercessores/as dos estudos da performance (Carlson, 2011; Cohen, 2002; Pereira, 2013; Lemebel, 1986), dos estudos de gênero-sexualidade (Colling, 2015; Butler, 2017; Louro, 2003), e do pensamento da diferença (Deleuze e Guattari, 2017; Foucault, 2013), buscamos pensar os conceitos de corpo-manifesto e arte performativa de gênero na perspectiva da diferença, comprometidos com a produção de uma micropolítica dos corpos dissidentes e a criação de espaços de heterotopias inventivas na educação.

A arte performativa do corpo

As relações entre a arte-performance e a performatividade de gênero no campo educacional provocam movimentos de resistências e “contra posicionamentos” (Foucault, 2013) frente à heteronormatividade instituída e às demarcações binárias de gênero. Pensada como um acontecimento que envolve o corpo em mutações, a arte performativa de gênero é subversão e resistência, produz efeitos libertários e provoca mudanças nos espaços socioeducativos. “A performance é intrinsecamente subversiva (ato de resistência) e tem como efeito desnaturalizar e desautorizar a estrutura de dominação, revelando-se como instância de construção social e mudança” (Conte e Pereira, 2013, p. 96). Especialmente as performatividades dos corpos LGBTQIA+ com o seu “humor *camp*, erotismo e a sua arma do deboche” (Silva, 2017) desnaturalizam os padrões binários do gênero e da sexualidade construídos socialmente. São corpos dissidentes que contestam as violências de gênero e subvertem a produção discursiva heteronormativa de disciplinamento, regulação, controle e governo das condutas e dos corpos. Em diálogo com a filósofa Judith Butler, concordamos que:

Ninguém nasce com um gênero – o gênero é sempre construído. [...] O gênero é uma espécie de devir, e não pode ser concebido como um marcador cultural estático. Ele é um tipo de ação que pode potencialmente se proliferar além dos limites binários impostos pelo aspecto binário aparente do sexo. (Judith Butler, 2017, p. 194-195).

Ao pensarmos a performance, destacamos o seu caráter de agenciamento e resistência: a performance como arte transgressiva na educação. Na performance de gênero, enquanto arte híbrida de fronteira, emergem potencialidades de criação e

intervenção no espaço cultural e educacional, atuando como uma arte de resistência e agenciamentos coletivos minoritários.

Na esfera cultural, a performance envolve novos modos de ativismos e transformação dos discursos culturais, onde as subjetividades subversivas escapam às regras heteronormativas de enquadramento binário, produzem espaços de liberdade e afirmam um corpo em multiplicidade de cores e estilos de vida. A arte performativa de gênero no contexto educacional produz transformações e contra posicionamentos que afirmam a presença de vidas socialmente marcadas pela diferença. Ao problematizar os padrões heteronormativos e discutir questões relacionadas ao corpo e ao gênero, afirmamos a diferença como potencialidade da arte para pensar e recriar os espaços socioeducativos.

Afinal, em que consiste a arte performativa de gênero? A performance de gênero produz um duplo movimento: envolve, de um lado, a expressão do gênero pelo corpo, um corpo-manifesto, híbrido, múltiplo, fronteiro, por outro lado, ela produz tensionamentos sobre as próprias questões de gênero. Uma arte performativa toma as questões de gênero como um campo de experimentação e problematização.

Neste sentido, pensamos a arte performativa de gênero como um canal de visibilidade, luta e resistência de sujeitos LGBTQIA+, que ao longo de suas vidas sofrem preconceitos, discriminação e segregação por não seguirem os padrões binários de gênero que determinam os códigos de uma sociedade, tornando-a heteronormativa. Vidas e corpos em fronteiras que escapam aos binarismos e não se deixam capturar por padrões heteronormativos, fazem da arte performativa um movimento de criação e contestação, inventando seus modos de viver, sua diferença, experimentando seus corpos e borrando as fronteiras de gênero. Marvin Carlson (2011) destaca a presença do corpo e suas tramas sociais e culturais inscritas em uma arte performativa:

Seus praticantes não baseiam o seu trabalho em personagens previamente criados por outros artistas, mas nos seus próprios corpos, nas suas autobiografias, nas suas experiências específicas numa dada cultura ou no mundo, que se tornam performativos pelo facto de os praticantes terem consciência deles e os exibirem perante um público. (Carlson, 2011, p. 29).

Este é o caráter da presença do corpo nas tramas artísticas e culturais de uma sociedade. Ao produzir uma performance de gênero, os performers não estão imitando ou

representando personagens, pelo contrário, sua presença expressa performaticamente seu corpo ao público participante, com suas experiências vivenciadas em trajetórias de vida. Uma criação transgressora que se faz em meio às afetações, encontros, enfrentamentos e aos processos de montagens do corpo e do gênero com infinitas possibilidades performativas. Assim, a arte performativa de gênero vivencia a arte como transgressão e invenção de si e não como representação de uma personagem, de modo que as subjetividades dissidentes experimentam relações éticas e estéticas próprias em espaços-tempos localizáveis.

Ao relacionarmos a produção do corpo da diferença com a arte performativa de gênero não buscamos restituir narrativas de vida ou construir autobiografias dos sujeitos, mas produzir enunciações coletivas que atravessam a vida e expressam coletividades em luta e construção, vozes-manifesto de “vidas que importam” (Butler, 2016). Enunciações coletivas de um “corpo estranho” (Guacira Louro, 2016) que contestam os padrões binários de gênero e sexualidade, criando outras possibilidades de experimentar o corpo em suas múltiplas performatividades e transitoriedades.

Pedro Lemebel e as insurreições do corpo-manifesto

O pensamento da diferença conectado aos conceitos de corpo-manifesto e arte performativa de gênero instiga a problematizar as questões do corpo, gênero e sexualidade na educação. Essa trama conceitual mobiliza pensar processos de transgressão e micropolíticas da diferença na perspectiva da criação de espaços heterotópicos e outros povoamentos na educação.

Nesse sentido, buscamos discutir as “heterotopias” (Foucault, 2013) como espaços de liberdade criados por subjetividades dissidentes que escapam às regras de enquadramentos heteronormativos, para pensar a arte performativa de um corpo que se monta e desmonta, um corpo “desterritorializado” (Deleuze e Guattari, 2003), um corpo inventado, híbrido e fronteiro que agencia povoamentos minoritários na educação, um “corpo estranho” (Louro, 2016) que produz tensionamentos nos limites de um mundo demarcado por fronteiras rígidas, binárias e antilibertárias.

Buscamos, com isso, pensar o corpo-manifesto em seus movimentos de desconstrução e criação da própria arte, um corpo transgressivo que borra as polaridades e padronizações do gênero binário e insinua uma micropolítica da diferença por meio de

suas enunciações coletivas e contra posicionamentos, possibilitando inventar heterotopias com visibilidade a outras existências.

As utopias são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais. Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contra posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente Localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei em oposição às utopias, de heterotopias. (Foucault, 2013, p. 30).

Pensamos, assim, as heterotopias como a invenção de novos espaços agenciados por corpos dissidentes que não se ajustam e se conformam com as determinações discursivas binárias que regem e governam as sexualidades e legitimam os gêneros normalizados pela sociedade. São corpos e subjetividades inconformadas que subvertem a ordem, os padrões do corpo e da sexualidade naturalizada e inventam novas possibilidades de transitar pelo gênero e jogar com a sexualidade. Buscamos construir espaços de tensionamento e de invenção, mundos questionados por uma arte performativa de gênero que afirma enunciações coletivas da diferença. A afirmação da sexualidade do corpo pensada no campo da diferença produz espaços heterotópicos e outros povoamentos na educação, sua presença cria modos de resistência e a afirmação de outros modos de vida que problematizam as relações de gênero e inventam outros espaços para além dos já sacralizados e instituídos.

A articulação do conceito foucaultiano de “heterotopias” à arte performativa de gênero nos permite pensar a educação como espaço múltiplo de convivência com a diferença em sua heterogeneidade. A performance como arte potencializa a criação de espaços heterotópicos ao experimentar o corpo nas fronteiras do gênero e fazer intervenções nos espaços instituídos. O performer inventa outros espaços para a sua arte, para além dos já existentes e normalizados. A presença da arte performativa nos espaços

educativos produz contra posicionamentos e libera processos libertários que borram as fronteiras demarcadas do gênero, afirmando as múltiplas subjetividades de corpos dissidentes, por meio de uma livre arte.

Nesse cenário, a arte performativa de Lemebel funciona como disparos para pensar questões relacionadas aos enfrentamentos, às pautas e às lutas LGBTQIA+, potências performáticas de um corpo *queer* que nos levaram a problematizar a heteronormatividade e a construção de gênero e a afirmar contra posicionamentos e enunciações coletivas frente à normalização, exclusão, marginalização e o preconceito vivenciados por sujeitos e grupos LGBTQIA+. No encontro com a arte performativa de gênero de Lemebel, percebemos as possibilidades de intercessões com a proposta deste estudo e as potencialidades das suas performances para pensar, criar e experimentar com jovens da comunidade LGBTQIA+ performances de gênero no contexto educacional, na perspectiva da produção de enunciação coletiva e das micropolíticas de enfrentamentos de corpos *queer* dissidentes na educação.

Em intercessão com o corpo-manifesto de Lemebel, um grupo de jovens LGBTQIA+ realizou a performance “Metamorfoses do Corpo” no espaço universitário. As performances produzidas e experimentadas em aliança com Lemebel mobilizam potenciais estéticos e políticos para pensar a relação corpo, performance e gênero. O corpo-manifesto apresenta sua dimensão híbrida, fronteira, anárquica, interventiva e transgressora, coloca-se como superfície que atua politicamente, trazendo questões para vários contextos, incluindo o educacional. Um corpo *queer* que transita na fronteira das demarcações de gênero, escapando das amarras condicionantes e polarizadas do gênero. O corpo-manifesto em performance em Lemebel expressa a resistência aos poderes instituídos, trazendo para a cena a luta por pautas minoritárias, apresentando para o mundo reivindicações de direitos humanos negados às comunidades LGBTQIA+, especialmente na América Latina.

A arte performativa de gênero e o corpo-manifesto enunciam enfrentamentos e dilemas individuais e coletivos vivenciados por “vidas precárias” (Butler, 2016) e suas lutas coletivas, pois, o que acontece com o indivíduo não é um problema de cunho apenas pessoal, mas uma questão coletiva, de vidas e lutas minoritárias. Nesse sentido, a produção e os efeitos da arte performativa de gênero na educação fazem proliferar um “agenciamento coletivo de enunciação” (Deleuze e Guattari, 2017) que produz políticas de enfrentamento às questões de gênero nos diferentes espaços educacionais.

Em “Kafka: por uma literatura menor”, Deleuze e Guattari (2017) nos fazem pensar as enunciações coletivas presentes na literatura de Kafka: “mesmo com um mecânico solitário, a máquina literária expressiva é capaz de antecipar e precipitar os conteúdos que, apesar de tudo, dizem respeito a uma coletividade inteira” (Deleuze e Guattari, 2017, p. 14). Na literatura menor, as questões do indivíduo estão ligadas diretamente ao coletivo, nesse sentido, o que o corpo e a língua expressam na arte performativa de gênero não são simplesmente falas individuais, são falas de enunciados coletivos que expressam lutas e enfrentamentos de políticas minoritárias que inscrevem sua presença nas tramas sociais e educacionais.

Percebemos esse agenciamento coletivo de enunciação nas performances e na escrita de Lemebel, em seu manifesto “Hablo por mi diferencia”, apresentado por Lemebel em ato performático e político em setembro de 1986, em Santiago no Chile. Sua fala não é apenas uma fala individual, carrega um enunciado coletivo, onde os enfrentamentos são de um povo minoritário que também se expressa na sua fala performática. Destacamos o Manifesto de Lemebel, o qual ressoa a presença de enunciados coletivos no enfrentamento às violências de gênero e sexualidade na sociedade:

Manifesto (Hablo por mi diferencia)

Não sou Pasolini pedindo explicação
Não sou Ginsberg expulso de Cuba
Não sou uma bicha fantasiada de poeta
Não preciso de fantasia
Aqui está a minha cara
Falo pela minha diferença
Defendo o que sou
E não sou tão estanho
Me aborrece a injustiça
E suspeito desta lenga-lenga democrática
Mas não me fale do proletariado
Porque ser bicha e pobre é pior
É preciso ser ácido para suportá-lo
É dar a volta nos machões da esquina
É um pai que te odeia
Porque o filho requebra o pezinho
É ter uma mãe com as mãos rachadas pela água sanitária
Envelhecidas de limpeza
Embalando-me no colo quando doente
Por maus costumes
Pela má sorte
Como a ditadura
Pior que a ditadura

Porque a ditadura passa
E vem a democracia
E logo atrás vem o socialismo
E então?
O que farão conosco companheiro?
Nos amarrarão pelas tranças em fardos
Com destino a um sanatório de aidéticos em Cuba?
Nos enfiarão em algum trem a lugar nenhum...
... Que a revolução não apodreça totalmente
Para você vai esta mensagem
E não é por mim
Eu estou velho
E sua utopia é para as futuras gerações
Há tantas crianças que nascerão
Com uma asinha quebrada
E eu quero que elas voem, companheiro
Que sua revolução
Lhes dê um pedaço de céu vermelho
Para que possam voar.
(Pedro Lemebel, 1986)

Ao falar por sua diferença, Lemebel (1986) expressa a língua de um povo minoritário que caminha junto com as comunidades LGBTQIA+, um corpo-manifesto escrito com o sangue de uma literatura menor que se desdobra para o mundo e coloca questões que na maioria das vezes são ignoradas e silenciadas pela sociedade. Pedro Lemebel, ao ler seu manifesto, mostra seu rosto na defesa da sua e de outras vidas que importam, fala de uma realidade que não é só sua, quantos outros são hostilizados pelo pai e pela família “por que o filho requebra o pezinho?”. Precisa ser ácido para suportar e enfrentar essas situações. As palavras e as performances de Lemebel abrem o cortejo por onde passam um povo minoritário, as potencialidades produzidas por ele nos remetem a pensar a performance de gênero na sua definição que remete ao seu caráter de “crítica e denúncia social” (Pereira, 2013, p. 28).

Figura 1: Pedro Lemebel em performance, “Manifesto”



Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-3/manifesto-falo-pela-minha-diferenca-dfb3f8d4f9a>

No que tange a seus emblemáticos sapatos de salto alto, a primeira vez que Lemebel os calçou em público foi em 1986, numa reunião clandestina organizada na Estación Mapocho, naqueles tempos em que os protestos contra a ditadura e os gritos de “y va a caer” já tomavam as ruas, mas ainda não se havia estruturado o ambiente político para restaurar a democracia (ou aquilo que assim se designou após o plebiscito nacional que acabou dizendo “não” à permanência do General Augusto Pinochet no poder). Lemebel criticou os torturadores chilenos por toda a sua vida, o que não significa que se tenha relacionado pacificamente com os grupos dissidentes de esquerda. Os atritos (e suas razões) foram escancarados naquele evento de 1986, quando Pedro (literalmente) subiu no salto e, tendo pintado no rosto uma foice e um martelo, leu, para uma audiência perplexa, o Manifesto (*Hablo por mi diferencia*). (Andrea Kahmann, 2015, p. 2).

No manifesto, Lemebel não apenas carrega consigo um povo minoritário de vidas que importam, mas também contesta, enfrenta, provoca, abala regimes totalitários estabelecidos, mesmo os de esquerda, quando mostram suas faces totalitárias. Pela arte performance nos remetemos as suas características de enunciação coletiva, crítica e denúncia social, as questões de gênero não são pensadas e discutidas na maioria das instituições, são silenciadas por meio de discursos religiosos e patriarcais, ainda muito propagados no campo educacional.

Com suas performances contestadoras Lemebel rompe a fronteira binária de gênero e sexualidade e, com isso, nos leva a pensar a potência inventiva do corpo-manifesto no processo de dessacralização do gênero na educação. Sua arte performa um corpo da diferença e abre passagem para as enunciações coletivas e as micropolíticas de

enfrentamento às violências de gênero dos diferentes regimes políticos. Assim como na literatura menor de Kafka, na arte performativa de gênero “tudo é político”:

A literatura menor é completamente diferente: o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política. A questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito mais necessária, indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior. (Deleuze; Guattari, 2003, p. 39).

Na arte performativa de gênero a presença do corpo-manifesto é a afirmação dos traços de sua diferença, coloca em funcionamento uma política de enfrentamento frente ao instituído no espaço educacional, esse que antes era silenciado e marginalizado agora entra em cena e se recoloca em um lugar de presença e visibilidade, por onde as questões de gênero podem ser levantadas a circular nesse espaço que tenta sufocá-las. O corpo, por meio de enfrentamentos e lutas, constrói a liberdade, desestabiliza as regulações institucionais e anuncia a existência de uma minoria por vir.

Figura 2: Pedro Lemebel em performance, “Chile return aids”



Disponível em: <https://agenciajovem.org/arte-para-enfrentar-os-estigmas-do-hiv/>

A performance “Chile Return Aids” realizada durante a parada gay de 1994 em Nova York denuncia os estereótipos que associam o vírus HIV às comunidades LGBTQIA+ como grupos de risco a serem segregados socialmente, além do que, a performance também chama a atenção para a violência direcionada a estas comunidades e o crescimento da AIDS na década de 80 e início de 90, que afeta a população travesti no Chile sem maiores atendimentos por parte do estado. No corpo-manifesto (figura 2) há potentes inscrições performáticas que denunciam os estigmas produzidos pela sociedade e pela moral contra grupos LGBTQIA+, produzindo olhares condenatórios,

segregações, dores, falta de atendimento à saúde, impossibilidades de existir na sua diferença. Na performance, o corpo-manifesto reage e produz uma intervenção contestadora, transforma-se em “máquina de guerra” (Deleuze e Guattari, 2012), uma engrenagem de um corpo vivo a protestar contra a violência de estado e seus mecanismos de segregação e opressão.

Para além da mera contemplação dos lugares, o performer transita pela cidade e estabelece processos de intervenção nestes lugares. A arte performativa de gênero, enquanto processo de intervenção, lança questões provocativas, problematizando lugares demarcados e sacralizados, fazendo vibrar processos libertários das vidas marginalizadas, produzindo efeitos performáticos que interferem na realidade da cidade e transformam os espaços da sociedade.

Na arte performativa o corpo experimenta novas ondulações do gênero para inaugurar algo novo, por meio dela ele rompe com a ideia de representação e cria um espaço-tempo de invenção, o corpo e a vida rompem a fronteira da representação e apresentam uma vida que pulsa. O corpo como expressão que produz efeitos, que pode brincar, tensionar, questionar as inscrições que tentam capturá-lo e enquadrá-lo, um corpo que contesta as demarcações do gênero e se experimenta na fronteira. O performer se liberta das demarcações religiosas, culturais, familiares, escolares etc., inventa e experimenta outras possibilidades de invenção de si pela arte.

Pensa-se, com Lemebel, o corpo-manifesto e a arte performativa de gênero como uma linguagem de ruptura e contestação, não para comunicar planos identitários e universais, mas para proliferar a diferença e a multiplicidade que despertam no encontro e na interação da cena performática com o público. Os encontros performáticos suscitam uma micropolítica dos corpos, inscrevendo pautas que passam pelo corpo do performer e que estão para além dele, agenciando atos políticos que contestam os padrões heteronormativos e binários e denunciam as violências e violações de direitos aos corpos dissidentes na sociedade.

Ao discutirmos questões de gênero, buscamos pensar a arte performativa como canal de transgressão e resistência na educação, uma “arte de fronteira no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado ‘arte-estabelecida’, a performance acaba penetrando por caminhos e situações não valorizadas como arte” (Renato Cohen, 2002, p. 37-38). A arte de fronteira questiona as tramas dos poderes instituídos, a

naturalização do gênero, a padronização dos corpos, fazendo emergir na cena artística e social as vozes-manifesto das multiplicidades de corpos LGBTQIA+. A performance de gênero como expressão do corpo na educação funciona como vetor de agenciamento e resistência, uma ação política e estética de enfrentamento ao instituído e sacralizado no espaço social e escolar.

“A performance interroga, resiste e intervém; designa uma forma libertadora de ação; dissolve as fronteiras entre a arte e a vida; rememora e reflete o vivido; relacionando-se, portanto, com o múltiplo, com o diverso e com o diferente” (Pereira, 2013, p. 32). Com essas características a performance produz um corpo político que ganha visibilidade e potencializa as forças inventivas de “vidas que importam”:

Nós estamos preocupados com os modos através dos quais mulheres, pessoas gênero-inconformes e minorias sexuais são regularmente reconhecidas de forma indevida ou sequer reconhecidas. Quando uma pessoa vive enquanto um corpo que sofre reconhecimento indevido, possivelmente insultos ou assédio, discriminações culturais, marginalização econômica, violência policial ou patologização psiquiátrica levam a uma maneira desrealizada de viver no mundo, uma forma de viver nas sombras, não enquanto um sujeito humano, mas como um fantasma. E, ainda assim, nós vemos que, através de movimentos sociais que buscam reconhecimento e emancipação, comunidades de pessoas LGBTQ tem emergido das sombras, fazendo suas vidas visíveis e audíveis, vidas que têm os mesmos direitos que qualquer outra a amar e a perder, a celebrar e a lamentar. (Butler, 2016, p. 28).

Na performance de gênero afirmamos a vida em sua multiplicidade, travamos lutas políticas coletivas e buscamos visibilidade e afirmação das comunidades LGBTQIA+. A performance de gênero enquanto uma micropolítica de enfrentamento no campo educacional “é o próprio ato de se levantar, de caminhar juntas e de se reunir que afirma uma existência social, traz significado a uma demanda política e promete um futuro político diferente” (Butler, 2016, p. 29).

Nessa perspectiva, as produções e encontros dos performers com a experimentação da arte performativa de gênero potencializam um “ativismo queer” (Butler) capaz de multiplicar as possibilidades de existir com o outro coletivamente, como corpo político, um corpo-manifesto na sua atuação enquanto política *queer*. Uma educação que se move por uma arte performativa subversiva, potencializadora de criação de espaços heterotópicos inventivos na educação, capaz de provocar aparições dos efeitos de subjetividades transgressivas nas experimentações performativas do corpo-manifesto.

Metamorfoses do corpo-manifesto na educação

No encontro com os estudos da performance de Carlson (2011) e o envolvimento com as artes performativas do corpo-manifesto de Lemebel, durante o processo de construção da performance “Metamorfoses do Corpo”, produzimos com jovens LGBTQIA+ participantes da pesquisa, uma intervenção composta por fragmentos de vozes-manifesto que enunciavam suas histórias de vida, suas lutas, conflitos e resistências vivenciados por esses jovens ao longo da sua trajetória de vida. Falas de resistências que ecoam enunciações coletivas foram performadas por corpos *queer* no decorrer da performance no espaço universitário.

A pesquisa-intervenção acompanhou as atividades realizadas por um grupo de dança e performance composto por quatro jovens LGBTQIA+ (Bebeto, Darleyson, Jajá e Rayka), especialmente na montagem e apresentação da performance “Metamorfoses do corpo”, realizada em espaço universitário. No processo de construção da pesquisa trabalhamos com relatos de sujeitos dançarinos LGBTQIA+ produzidos em encontros realizados de modo individual e em grupo com os participantes envolvidos na pesquisa. Estas conversações produziram vozes-manifesto, ou seja, falas de resistência, rebeldia, inquietações, enfrentamentos e contra posicionamentos aos padrões heteronormativos socialmente estabelecidos. Passagens destas conversações foram registradas e performadas pelo corpo-manifesto da diferença, na performance “Metamorfoses do Corpo”. Além da escuta atenta às suas falas e vivências, a pesquisa também acompanhou os ensaios e o processo de construção da apresentação da performance realizada em espaço universitário.

Após a realização da performance, continuamos os encontros e as conversações com o grupo enfatizando os efeitos e os impactos que a experimentação performática produziu em seus corpos, suas experiências com a performance também foram incluídas nesta pesquisa destacando os efeitos performáticos de uma arte experimental que contesta dicotomias e regulações que operam sobre o gênero e sexualidade em espaços socioeducacionais. A partir desses encontros e conversações, destacamos algumas passagens que demonstram como as relações de gênero atravessam as relações sociais, familiares e educacionais, imprimindo seus regimes de poder e suas marcas de exclusão.

Os participantes da pesquisa são jovens LGBTQIA+ dançarinos e coreógrafos que transitam por festivais de dança e quadrilha junina. A escuta de suas memórias e vivências permitiu perceber os frequentes constrangimentos vivenciados no espaço público da cidade e a relação conflituosa na família e na escola, quase sempre com as mesmas experiências de hostilidade, desprezo e expulsão da esfera familiar e exclusão do ambiente escolar, questões motivadas por segregações de gênero.

A presença de Larissa Rayka com sua performance em frente ao espelho, performando o processo de sua própria montagem, afirma a expressão de um corpo *trans* que percorre as fronteiras de gênero e sexualidade nos labirintos indeterminados de seu corpo. Sua performance expressa fragmentos de suas vivências, embates e lutas por liberdade e reconhecimento de sua diferença na sociedade.

Falo por minha diferença! Meu corpo não é uma caricatura risível do olhar, meu corpo expressa as singularidades da minha diferença. Meu corpo é minha arma de luta e liberdade. (Larissa Rayka em Performance: “Metamorfoses do Corpo”).

Na performance “Metamorfoses do Corpo” potencializa-se as palavras-força: Singularidade, Diferença, Enfrentamentos, Resistência, Travessias. No contexto da performance não são apenas palavras, são desejos e afetos, questionamentos e desnaturalização de um corpo que escapa às normas binárias do gênero e coloca em cena suas problematizações para a sociedade. Sua arte performativa é de um corpo que luta e resiste, enfrenta e provoca o instituído, que não se conforma com a exclusão e cria uma zona de liberdade por onde passam as heterotopias inventivas desse corpo que se faz “arma, luta e liberdade”. O acontecimento performático potencializa as forças criativas do corpo-manifesto, afirma sua diferença, intensifica sua singularidade, amplia seus processos de intervenção no real, pois, sua diferença é lançada ao confronto e ao convívio com o outro no espaço educacional.

No começo têm as incertezas, será que vou ser isso? O que as pessoas e a família irão falar? Será que vou conseguir um trabalho? Será que vou ter um futuro? Mas aprendi que meu corpo é minha arma de luta, luta contra o preconceito, as dificuldades, os medos e incertezas, ao andar na rua e ouvir gritos chamando de viadinho e debochando. Meu corpo é minha arma de luta e liberdade, eu me libertei, eu queria ser isso. (Conversação com Rayka após performance)

A arte performativa de gênero é presença e intervenção que provoca, contesta e afirma lutas coletivas de “vidas precarizadas” que importam. Presença viva de um corpo

com marcas da diferença, que mesmo em meio às dificuldades e hostilidades, busca construir seu lugar de fala, sua expressividade, suas formas de resistência e práticas de liberdade. Na arte performativa de gênero o corpo é expressão da vida e a vida percorre as linhas de criação do corpo, nas palavras de Rayka: “Meu corpo é minha arma de luta e liberdade”, uma máquina de guerra contra a violência e a hostilidade social. As performatividades de gênero produzem rupturas e enfrentamentos sociais e liberar os canais de criação do corpo-manifesto, ampliando e multiplicando as maneiras de ser e existir na sociedade e nos espaços da educação.

O processo performativo age diretamente no coração e no corpo da identidade do performer, destruindo, reconstruindo seu eu, sua subjetividade, sem a passagem obrigatória por uma personagem. A performance toca o sujeito que vai para a cena, que se produz, que executa. Se o ator performa, ele realmente age com o seu corpo e sua voz em cena” (Féral, 2008:83, apud Steckert, 2015:134). As reflexões de Steckert (2015) sobre a performance e o teatro performativo nos permitem concluir que essas práticas artísticas, que rompem com certas formas canônicas de produzir arte, hoje não podem ser pensadas de uma forma distinta da performatividade de gênero do artista. Isso porque uma das características fortes da performance é a implicação intensa do artista naquilo que está sendo performado. (Leandro Colling, 2019, p. 19).

Na performance entra em cena o corpo e voz do performer. Seu corpo expressa as invenções e reinvenções de sua vida e sua voz fala das suas experiências, lutas e enfrentamentos vividos no cotidiano. Durante a performance “Metamorfoses do Corpo” ocorreram vários disparos de enunciações coletivas que produziram efeitos não apenas no público participante, mas, o próprio performer foi afetado por aquilo que produziu, porque na experimentação se constrói, desconstrói e reconstrói vidas por meio da arte. Para Eleonora Fabião (2013, p. 6), “o corpo performativo não para de oscilar entre a cena e a não-cena, entre arte e não-arte, e é justamente na vibração paradoxal que se cria e se fortalece”. A arte performativa de gênero produz uma livre arte e um corpo-manifesto que afirmam as multiplicidades de vidas que transitam na fronteira da diferença.

Darleyson, participante da performance, expressa o seu corpo-manifesto envolvido pela dança. “Falo por minha diferença! E afirmo uma vida e uma luta que não é só minha, carrego na minha diferença uma coletividade, minha presença é um gesto político de vidas que importam”. Sua voz-manifesto enuncia uma coletividade inscrita

em seu corpo, por onde passam lutas e enfrentamentos cotidianos vivenciados por corpos LGBTQIA+ expostos a violências em nossa sociedade.

Ser LGBTQIA+ em um país como o Brasil, que é um país super homofóbico, transfóbico, LGBTQIA+ fóbico, enfrentamos lutas diariamente, não somente na rua. No momento da performance quando disse a frase falo pela minha diferença, eu estava falando não apenas da minha diferença, mas de todo um coletivo, estava falando de toda uma luta, de toda uma classe social, que apenas quer respeito e igualdade, com certeza as vidas que foram tiradas, e ainda continuam sendo tiradas, elas importam, não devemos nos calar diante disso, procuramos tratamento igual perante leis e sociedade. (Conversação com Darleyson após performance)

O corpo-manifesto instaura lutas coletivas, enfrentamentos de um povo minoritário que busca liberdade e respeito a vidas que importam. Na performance entra em cena a produção de enunciados coletivos em grande parte silenciados na sociedade, com eles prolifera uma zona temporária de liberdade e de luta, de afirmação da diferença que não aceita ser silenciada, que se ergue com sua voz-manifesto contra as violências de gênero e a segregação social.

Na arte performativa de gênero vivenciada com jovens LGBTQIA+ as vozes-manifesto não são individuais, as lutas são coletivas para afirmar vidas que importam. Um corpo-manifesto que atua politicamente, um “agenciamento coletivo de enunciação” (Deleuze e Guattari, 2017). A performance agencia uma educação da diferença que afirma vidas dissidentes, viajantes, estrangeiras, povoando os espaços educativos de múltiplas possibilidades de conviver e existir.

Por isso o efeito e o impacto das experiências desses sujeitos são tão fortemente políticos – o que eles ousam ensaiar repercute não apenas em suas próprias vidas, mas na vida de seus contemporâneos... Aqueles e aquelas que experimentam a proliferação dos gêneros e das sexualidades podem representar esse impulso para o movimento. O viajante interrompe a comodidade, abala a segurança, sugere o desconhecido, aponta para o estrangeiro, o estranho. (Louro, 2016, p. 24-25).

A arte performativa do corpo-manifesto produz impactos, o performer experimenta outras formas de vidas que abalam as leis da heteronormatividade compulsória. Este movimento produz efeitos no campo educacional e mobiliza os agenciamentos libertários, travando lutas por afirmação de vidas dissidentes. Ao expor a cena não falamos de uma única vida, a luta é coletiva, outros corpos se afirmam na coletividade e abrem caminhos para outros povoamentos nos espaços socioeducativos.

Jajá performou um corpo-manifesto em movimentos libertários de dança e gritos de enunciação contra as imposições de uma sociedade patriarcal conservadora em seus valores religiosos e morais, contestando as instituições que funcionam a serviço de um sistema de controle dos corpos da diferença.

Falo por minha diferença! E ao afirmar a minha diferença crio enfrentamentos com a família, com a religião, com a escola e com a sociedade patriarcal e conservadora. (Jajá em performance: “Metamorfoses do Corpo”).

Ao longo de suas experiências de vida esses corpos dissidentes se deparam com vários enfrentamentos, as demarcações do gênero são reguladas pela família, pela religião, pela escola, pela sociedade, operam sobre os corpos controles para regular o que podem ou não fazer com o seu corpo, o que pode ou não usar na liberdade de sua escolha, como pode ou não se vestir e criar seu estilo, uma série de interdições atuam no controle dos corpos e das condutas dessas subjetividades.

Eu nunca tinha participado de uma performance, eu me preparei não fugindo muito do que eu me arrumo no dia a dia. Quando eu saio na rua com um short curto percebo que as pessoas ficam me olhando, sempre tem uns despeitados. (Conversação com Jajá após performance).

Em contrapartida, na arte performativa de gênero o corpo-manifesto expressa sua diferença e liberdade não a partir de uma representação estereotipada, mas por meio de suas próprias vivências e enfrentamentos cotidianos. Esse corpo-manifesto se afirma na sua diferença, questiona os padrões estéticos generificados do masculino e do feminino, e com seu “short curto” produz contra posicionamentos estéticos e políticos aos mecanismos de controle que operam sobre os corpos e sexualidades dissidentes.

Bebeto, outro participante da performance, com a expressividade de seu salto alto, cria linhas de fuga de uma feminilidade em trânsito, seu corpo-manifesto percorre uma zona indeterminada do gênero e da sexualidade, experimentando a subversão de sua arte performativa em meio à dança.

Falo por minha diferença! E ao afirmar a minha diferença transito por uma zona indeterminada do gênero e da sexualidade. Meu corpo é fuga, travessia, indefinição. (Bebeto em performance: “Metamorfoses do Corpo”).

Com relação à experiência vivenciada na performance, Bebeto compartilha as sensações e afetações produzidas em seu corpo frente aos atravessamentos cotidianos, denuncia um cotidiano repleto de olhares homofóbicos alimentados por uma curiosidade hostil de pessoas incomodadas com a presença de seu corpo dissidente transitando pelas ruas da cidade, olhares que anseiam pelo seu desaparecimento e que nos fazem lembrar a experiência de violência praticada contra o garoto da juventude comunista do colégio público chileno “desaparecido no pentagrama impune e sem música do luto pátrio” descrito em “a cidade sem ti” por Lemebel (2023, p. 89). A fala de Bebeto nos leva a pensar os inúmeros constrangimentos e hostilidades vivenciados por corpos LGBTQIA+ em seu trânsito pela cidade. Expressa, também, por meio da arte-performance, a sua contestação e produz outros efeitos na perspectiva da mudança do olhar e da convivência com o outro.

Experimentar a performance foi algo muito bom, pois percebi naqueles olhares uma coisa diferente, não era um olhar de despeito que nos encaram na rua cheios de preconceitos, eram olhares de apoio, de admiração, tem pessoas que nos acham estranho, criticam nosso jeito de ser, a maneira como nos comportamos, nos vestimos. Quando andamos na rua, isso sempre acontece comigo quando passo na frente da fila da lotérica quando tá cheio de gente, eu tenho que passar olhando pra frente, me concentro na música pois estou sempre com fone, porque é um monte de gente me olhando, isso me incomoda, mas eu não dou confiança, pode tá passando um monte de gente, mas eles ficam olhando só pra mim, já até me acostumei, mesmo não sendo uma situação agradável. (Conversação com Bebeto após performance).

Na arte performance, o corpo-manifesto de Bebeto experimenta outros encontros, olhares e afetos que se diferem dos olhares de desdém, depreciativos que os cercam no cotidiano, um olhar hostil alimentado por discriminação e preconceito vivenciados pela maioria das pessoas e grupos LGBTQIA+. Na voz-manifesto de Bebeto aparece a enunciação de uma mudança na forma de se relacionar com a diferença e no modo de direcionar o olhar à expressão dos corpos na cena performática. Esse aspecto ganha destaque quando afirma: “Experimentar a performance foi algo muito bom, pois percebi naqueles olhares uma coisa diferente, não era um olhar de despeito que nos encaram na rua cheios de preconceitos, eram olhares de apoio, de admiração (...)”. A performance permite essa experiência de acolhimento e apoio, um corpo que não é visto pelos olhares heteronormativos e padronizadores do gênero, mas que indica uma expressão de acolhimento ao outro frente a sua presença performática. Durante a performance, o público participante reagiu com a interatividade de olhares receptivos e encontros alegres,

gestos de afeto e acolhimento que potencializaram a livre expressão dos corpos da diferença em suas performatividades.

Reafirmamos, em aliança com esses jovens LGBTQIA+, a importância de uma educação que se faz com as diferenças, para produzir encontros alegres, acolhimento ao outro, lutas coletivas. Um espaço heterotópico não avesso às diferenças, como foi a escola para muitos, um lugar hostil e de exclusões, conforme destaca Guacira Louro:

O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicam e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários, mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. (Louro, 2016, p. 28).

O corpo-manifesto é uma indeterminação, indefinição, trânsito, fuga, travessia. Afirmação da composição “e e e”, zona indefinida, multiplicidade. Um corpo que encontra no limiar do gênero sua potência de criação. O corpo-manifesto se produz na multiplicidade, não é apenas um, existe uma multiplicidade no seu existir que escapa às demarcações binárias do gênero.

A performance de gênero, enquanto arte performativa, borra essas fronteiras, cria e transforma os espaços, dando visibilidade às comunidades minoritárias e marginalizadas. Nesta perspectiva, a arte performativa intervém na realidade, abre passagem para a diferença e a multiplicidade no campo educacional. Nesses espaços educativos, que há muito têm produzido práticas de correção e controle, buscamos afirmar a diferença da juventude LGBTQIA+ enquanto potências de vidas que importam, com seus corpos e vozes-manifesto que enunciam micropolíticas de resistências e liberdades, na perspectiva da criação de heterotopias inventivas na educação.

Considerações Finais

Os encontros produzidos no decorrer desta pesquisa possibilitaram experimentar afetos múltiplos e alegres, que impulsionam a pensar outros povoamentos de vida no campo educacional, como um espaço de liberdade e convivência com a diferença, um lugar que não reforce a dicotomia e a hostilidade ao outro, e que, ao invés disso, produza olhares acolhedores e sensíveis para vislumbrar novos caminhos abertos por uma educação na perspectiva da arte e da diferença. A arte performativa do corpo provoca,

questiona e intervém no real corroendo as margens do gênero e produzindo vazamentos e linhas de fuga na educação.

Os espaços educativos, em sua maioria, são governados por normas e regras da sociedade heteronormativa e patriarcal, onde as diferenças são vistas na perspectiva do controle e da interdição. Pensamos um corpo-manifesto que se contrapõe às normas binárias do gênero, que se levanta frente às injustiças e questiona normas instituídas, que nos leva a desconfiar de tudo o que nos é colocado como natural. Um corpo híbrido que, ao transitar marca a sua presença nos espaços públicos e educativos, contesta o que condiciona, reduz, controla e reforça a invisibilidade da diferença. Corpos e performatividades que abrem frestas e janelas no contexto educacional para que novos ares possam circular, onde a arte performativa de gênero produza novos encontros, outros afetos e a criação de “heterotopia inventivas” nos espaços educacionais pesquisados.

A arte performativa de gênero experimentada neste trabalho produz movimentos insurgentes e invenções de modos de vidas dissidentes, tecendo um outro pensar nas relações de gênero, sexualidade e educação; é uma arte de contestação que produz agenciamentos coletivos e alianças entre corpos minoritários, criando espaços de liberdade para a diferença na educação. As artes performativas de gênero correm às margens e fazem vazar multiplicidades na criação de espaços outros, onde os corpos-manifestos produzem efeitos performáticos, desarrumam a ordem, questionam as regras e problematizam as normas binárias instituídas. A juventude LGBTQIA+ cria e vivencia o seu próprio ativismo, político e estético, afirma vidas coletivas minoritárias e inventa heterotopias, criando práticas de liberdade e fazendo passar suas artes de existências.

Na arte performativa de gênero o corpo-manifesto torna-se um agenciamento político e coletivo, que abre fissuras nos enquadramentos disciplinares e subverte suas forças regulatórias. Um corpo em devir, que se inventa e reinventa, sempre em movimento, produzindo linhas de fuga que escapam à heteronormatividade e aos binarismos de gênero. Este corpo-manifesto produz diferença na educação e contesta os mecanismos de capturas, interdições e impedimentos de viver livremente sua existência.

Um corpo-manifesto em performance de gênero se despe dos estigmas morais e sociais e se (re)inventa. Um corpo dissidente a provocar contra posicionamentos frente às regulações e demarcações identitárias. Um corpo que afirma a diferença, questiona os padrões sociais, resiste e enfrenta os valores conservadores e reacionários de uma sociedade heteronormativa e excludente.

Por fim, as noções de *arte performativa de gênero* e *corpo-manifesto* conjugam um caminhar individual e coletivo com Pedro Lemebel e grupos minoritários, especialmente, a juventude LGBTQIA+ participante da pesquisa. Compartilhar as suas falas, reverberações, sonoridades, provocações, performatividades nos levam a pensar uma educação não alérgica ao outro, mas uma educação vivenciada a partir do encontro e do convívio *com* as diferenças. Uma educação que agencia espaços heterotópicos da diferença e produz bons encontros com a potência da arte, do corpo-manifesto, afirmando sua liberdade de existir, contestar e criar na educação.

Referências

AUGUSTO, Acácio. PASSETTI, Edson. **Anarquismos & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BUTLER, Judith. *Corpos que ainda importam*. Leandro Colling (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero** – Salvador: EDUFBA, 2016.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARLSON, Marvin. *Gênero, Cultura Visual e Performance*. **Antologia Crítica**. Ana Gabriela Macedo e Francesca Rayner (Organização). – 1 Ed. – Edições Húmus, 2011.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. Criação de um tempo-espço de experimentação. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLLING, Leandro. ARRUDA, Murilo Souza. NONATO, Murillo Nascimento. *Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero*. **Cadernos Pagu** (57), 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900570002>

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: EDUFBA, 2015.

CONTE, Elaine; PEREIRA, Marcelo de Andrade. *Pedagogia da Performance: da arte da linguagem à linguagem da arte*. In: PEREIRA, M. A. (Org.). **Performance e Educação: (des)territorializações pedagógicas**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS)

_____. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5; Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. – São Paulo: Ed. 34, 2012 (2ª Edição). (Coleção TRANS)

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. – 1. ed.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-existência. **Revista do LUME** – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da UNICAMP, Campinas, n. 4, dez/2013.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert; Tradução, Salma Tannus Muchail. São Paulo: n1 Edições, 2013.

KAHMANN, Andrea Cristiane. **Ma belle lemebel**: Proposta de tradução estrangeirizadora para um sudaca pobre e maricón no bailado entre a ditadura e a democracia. XVI Congresso Internacional Fluxos e Correntes: trânsitos e traduções literárias. Belém: Abralic, 2015.

LEMEBEL, Pedro. **Poco Hombre**: escritos de uma bicha terceiro-mundista. Tradução Mariana Sanchez. 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

_____. **Manifesto (Falo por minha diferença)**. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-3/manifesto-falo-pela-minha-diferenca-dfb3f8d4f9a>

_____. **Performance e texto**. Trad. Alejandra Rojas Covalski. Balada Literária 2013. Disponível em: www.baladaliteraria.com.br

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

OLIVEIRA, João Manuel de. Trânsitos de gênero: leituras queer/trans da potência do rizoma gênero. In: COLLING, Leandro (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org.). **Performance e Educação**: (des)territorializações pedagógicas. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

SILVA, Marcos Aurélio da. Tatuagem, deboche e carnaval: algumas reflexões sobre a política LGBT contemporânea a partir de uma antropologia do cinema e de uma festa que não existe mais. **Revista Teoria e Cultura**, UFJF v. 12 n. 2 jul. a dez. 2017.

Recebido em maio de 2024.
Aprovado em agosto de 2024.